

**CONSTATAÇÕES DA INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL
ATRAVÉS DA ANÁLISE E DIAGNOSE DE ERROS**

**FINDINGS OF ORAL INTERFERENCE IN TEXTUAL PRODUCTION THROUGH ERROR
ANALYSIS AND DIAGNOSIS**

Patrícia Silva Almeida¹

Recebido em: 14/06/2019

Aprovado em: 25/07/2019

Publicado em: 30/07/2019

RESUMO: A ortografia é encarada como a forma máxima do bem escrever, aceito pela gramática. A noção de erro ortográfico traz embutida a ideia da escrita de uma palavra, sem que esta esteja de acordo com as regras ortográficas estabelecidas. Além disso, essa noção vem, ainda, carregada de um estereótipo de que quem não escreve bem, seja pouco escolarizado ou pertença às classes sociais mais baixas. Tendo em vista a alta incidência de erros nas redações escolares, fez-se uma investigação com base na *análise e diagnose de erros no ensino de língua materna* de Bortoni-Ricardo (2005). Este estudo tem como objetivo trazer a percepção de como a oralidade interfere no processo de escrita. O referencial de estudo são textos de alunos do 6º ano, moradores do distrito de Ituverava/SP, Aparecida do Salto. Além da constatação dessas interferências, há um mapeamento dos erros ligados à natureza arbitrária do sistema de convenções de escrita da Língua Portuguesa. O trabalho realizado trouxe como resultado a observação de que a maior parte dos erros cometidos pelos alunos na escrita advém da transposição de hábitos da fala para a escrita. Portanto, a *análise* realizada, além de propiciar o entendimento do processo supracitado, permite um ensino inclusivo, onde as variedades linguísticas do falante não são desconsideradas na sala de aula, além de permitir e dar subsídios para que o docente trabalhe diretamente com as dificuldades apresentadas pelo aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade; Diagnose de erros; Ensino; Variação.

ABSTRACT: The orthography has been seen as the best form of good writing, accepted by the grammar. The notion of spelling error brings in the idea of writing a word, without it being in agreement with the established orthographic rules. Moreover, this notion is also loaded with a stereotype of those who do not write well, are not educated or belong to the lower social classes. Due to the high incidence of errors in school writing, an investigation was carried out based on the analysis and diagnosis of errors in the mother tongue teaching of Bortoni-Ricardo (2005). This study aims to bring the perception of how orality interferes in the writing process. The study reference is texts of students of the 6th grade, residents of the district of Ituverava / SP, Aparecida do Salto. Besides these interferences, there is a mapping of the errors related to the arbitrary nature of the system of conventions of writing of the Portuguese Language. The work carried out resulted in the realization that most of the errors made by students in writing come from the transposition of habits of speech into writing. The analysis performed, in addition to facilitating the understanding of this process, allows an inclusive teaching, where the speaker's linguistic varieties are not disregarded in the classroom, besides allowing and giving subsidies for the teacher to work directly with the difficulties presented by the student.

KEY WORDS: Orality; Investigate the mistakes; Teaching; Variation

¹ Graduada em Letras, Mestranda pelo PROFLETRAS da turma de 2019. ORCID. 0000-0002-2476-3390. E-mail: psilvalmeida@hotmail.com

ALMEIDA, P.S.

1-INTRODUÇÃO

A ortografia é encarada como a forma máxima do bem escrever, por muitos professores, pela sociedade e convencionada pela gramática. A noção de erro em ortografia tem embutida a ideia da representação escrita de uma palavra, sem que esta esteja de acordo com as regras ortográficas estabelecidas. Além disso, essa noção vem, ainda, carregada de um estereótipo de que quem não escreve bem, seja pouco escolarizado ou pertença às classes mais baixas. O que, segundo Cagliari (2002), não é verdade, pois o que acontece não é um mau domínio da língua ou pouca escolarização, mas a transposição de hábitos da fala para a escrita.

Cagliari (2002) diz ainda que os métodos de alfabetização, sobretudo os sintéticos, que priorizam alfabetizar através das unidades silábicas, têm reforçado a ideia de que a ortografia perfeita faria parte da escrita sem erros, para que os alunos fixassem a forma ortográfica correta e a partir disso, fossem progredindo. Nestes métodos, os alunos não testariam suas hipóteses de escrita, ao contrário, não ousariam escrever o que não têm certeza de estar correto.

Concordando com Ferreiro (1985), sabe-se que o sujeito cognoscente tem a possibilidade de explorar sua escrita para que compreenda sua natureza e funcionamento em textos espontâneos, ou seja, os escritos que não sejam resultado de cópias, pois neste tipo de atividade o aluno expõe sua capacidade de escrita, demonstra suas impressões e interage com o meio. Importa ainda conhecer a fala dos alunos, já que numa sala de aula há alunos de várias localidades e regiões, para que o professor saiba que tipo de explicação dar para cada erro, para que valorize a variação linguística trazida pelo aluno, para que a escola se mostre como uma instituição inclusiva.

Neste sentido, observando a ocorrência de muitas inadequações nas redações escolares, este relato de experiência docente tem o objetivo de investigar e destacar tais erros e as possíveis interferências da língua oral para a língua escrita. O referencial de estudo serão os textos do 6º ano do Ensino fundamental, de alunos de Aparecida do Salto, distrito de Ituverava-SP, uma comunidade carente e afastada da cidade. Será utilizado para a investigação a *análise e diagnose de erros no ensino de língua materna*

ALMEIDA, P.S.

(Bortoni-Ricardo, 2005), reconhecendo a realidade heterogênea da língua e observando sua sistematização.

A turma que teve os textos analisados possui 10 alunos regularmente matriculados. Um desses alunos frequenta a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ituverava-SP, por causa de sua dificuldade de aprendizagem. Todos os alunos foram solicitados a fazer a mesma atividade e participarem de todas as etapas necessárias para a produção textual.

Foram discutidas as histórias de Malala Yousafzai, Ruby Bridges e Anne Frank, a partir disso, foi desenvolvido um projeto denominado “Mulheres Incríveis”, que envolvia a comunidade em que os alunos estavam inseridos, pois contava com entrevistas com as mulheres presentes em seu entorno, recolhimento de fotos e exposição de cartazes na escola. A última etapa do trabalho foi a produção de uma carta para uma dessas três meninas, de forma que o aluno contasse como é a vida das mulheres em sua comunidade e falasse sobre como a ação de uma das garotas influenciou na realidade dessas mulheres. Após a produção, foram selecionados alguns textos dos alunos para serem objeto da análise.

A primeira parte do trabalho explicita a importância que tem para o professor conhecer o contexto sociolinguístico em que o aluno vive. Ao iniciar a análise dos textos, enfatiza-se e se analisa primeiro a categoria de erros ortográficos ligados ao sistema de convenções de escrita e na segunda, constata-se a interferência da oralidade na escrita e de que forma os traços fonológicos se manifesta, segundo Bortoni-Ricardo, (2005). Logo após a análise dos textos/excertos, há uma breve discussão, seguida das considerações finais.

A importância desse tipo de investigação consiste na possibilidade de que o professor valorize a variedade linguística do aluno, de modo a não excluí-lo do processo de ensino, sem que o docente se exima da responsabilidade de montar atividades ou materiais que atuem diretamente sobre os erros e dificuldades apresentadas pelos discentes, tendo em mente que é necessário conhecer a realidade que o aluno vive para que o professor saiba que de fato os erros têm ou não base fonológica. Além disso,

ALMEIDA, P.S.

através dessa análise, ficarão evidentes a questão do *continuum rural-urbano* e a interferência do dialeto oral na manifestação escrita do aluno.

2-O CONTEXTO SOCIOLINGUÍSTICO

Importa que o professor conheça a comunidade, o contexto social do aluno, seu perfil sociolinguístico, pois assim saberá quais fatores estão influenciando a escrita quando da produção de textos orais e escritos na sala de aula. O aluno não é um mero receptor das representações da linguagem, mas interage com ela, adaptando-a a suas necessidades comunicativas, explorando sua natureza, construindo-a e modificando-a. Baronas (2009, p.17) diz que “A linguagem é um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano”, ou seja, a linguagem vai ser alvo de variações, pois esta se materializa através dos falantes, que evoluem, e estando a serviço deles, evolui e se modifica também.

Ocorre que os erros que acontecem, na escrita, inclusive com os falantes nativos, portanto, que dominam a língua, poderiam e podem fazer com que os falantes se julguem maus usuários da língua, quando o que acontece na escrita, na verdade, é a transposição da pronúncia dialetal, esta, por vezes, estigmatizada. Essa falsa noção de insuficiência do domínio da língua tem raízes históricas e podemos encontrá-las nos métodos utilizados para ensinar a língua, que traziam em si *um ideal de ensino*, homogêneo e que não admite erros.

A escola ainda reproduz essas práticas nas aulas de Língua Portuguesa, quando a reduz à pura metalinguagem, num ensino descontextualizado, que valoriza apenas uma variedade da Língua, desconsiderando suas múltiplas manifestações e priorizando o português de prestígio social. Segundo Baronas (2009), a transposição da fala para a escrita é natural, pois há uma diversidade linguística que ultrapassa a Língua como um *sistema*, pois esta é um organismo vivo e está a serviço de seus falantes.

Cagliari (2002) diz que os métodos de alfabetização que norteavam os processos de alfabetização, como as cartilhas, priorizavam o ato de aprender a escrever sempre da forma correta para que os alunos fixassem a grafia das palavras, como uma forma de memorizar o desenho da escrita. O problema é que com a complexidade do oral e do

ALMEIDA, P.S.

escrito que a própria escola traz com o passar dos anos e que os discentes adquirem com a vida, os alunos se sentem incapazes de materializar na escrita o que é necessário.

Um dos problemas dos materiais supracitados é o princípio biunívoco que trazem/traziam, ou seja, o princípio que considera que cada letra seja responsável por um único fonema. A cópia também se mostra problemática, pois se apresenta como meio usado para decorar alguma forma de grafema, o que perde o sentido com o andar da aprendizagem.

Sendo assim, a transposição da fala para a escrita é natural, pois acontece como um *fato social* ou por motivos de passagem de tempo, características regionais, estratos socioculturais e dos vários tipos de expressividade, ou seja, variações *diacrônicas*, *diatópicas*, *diatráticas* ou *diafásicas* (CORISEU, 1980 *apud* BARONAS, 2009), o que serão motivadores da diversidade linguística e que poderá ser observado na escrita.

Em vários estudos citados por Baronas (2009), incluindo Amaral (1920 *apud* BARONAS, 2009), Rodrigues (1974 *apud* BARONAS, 2009), Veado (1982 *apud* BARONAS, 2009) e Penha (1997 *apud* BARONAS, 2009), observa-se que para os dois primeiros o dito *falar rural* se associa ao “dialeto caipira”, cuja linguagem se dá entre os roceiros ou caipiras e se difere bastante do falar da cidade, mesmo o inculto; Rodrigues (1974 *apud* BARONAS, 2009) ainda destaca o viés pejorativo dessa variação rural. Já Veado (1982 *apud* BARONAS, 2009), associa o *falar rural* à não escolarização e Penha (1997 *apud* BARONAS, 2009) o relaciona aos textos antigos. Esse falar não é destoante e tem uma razão de existir, com base nesses estudos. Entretanto, para Bortoni-Ricardo (2005) e Baronas (2009), o falar rural faz parte de um *continuum* com a fala coloquial e independe de a população falante morar ou não na zona rural.

Como já foi dito, em algumas ocasiões há a interferência das variações que ocorrem na fala para a escrita. Apesar de saber que a ortografia assegura a homogeneidade da língua escrita, não se pode dizer o mesmo da fala. É importante que o professor se aproprie dessas teorias em sua prática, pois assim saberá o tipo de intervenção que deve fazer, de acordo com cada *erro* ou *incorreção* que encontrar, porque quando o docente se apropria conscientemente de uma concepção de ensino, é mais precisa a abordagem quanto a sua disciplina, assim saberá o porquê fazer isso ou

ALMEIDA, P.S.

aquilo, o que impactará na forma de lidar com os dados obtidos nas posteriores avaliações.

3-DIAGNOSE DE ERROS NA PRODUÇÃO TEXTUAL

A *diagnose de erros*, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.53-59), é a análise que contrasta a língua prestigiada com a menos prestigiada que a escola apresenta, permite a evidência de erros cometidos na escrita e elaboração de material e atividades para que as intervenções do professor sejam pontuais. Bortoni-Ricardo (2014) prefere a palavra *erro*, pois considera que se há alguma manifestação da língua que fuja à forma aceita pela convenção ortográfica, esta pode ser considerada como um erro.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), esta diagnose baseia-se nas descrições sociolinguísticas das variedades da língua. Os *erros* foram categorizados em quatro tipos, sendo que três deles se justificam nos processos fonológicos, quando de suas manifestações, e apenas um diz respeito ao conhecimento insuficiente do sistema linguístico.

Figura 1- Categorias de erros

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita	
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado.	Erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita.
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais.	
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas ¹ .	

Fonte: Bortoni- Ricardo (2005, p, 54)

Como se pode ver, apenas a primeira categoria diz respeito ao natureza arbitrária do sistema de convenções de escrita e todas as demais ocorrências são de ordem fonológica. A segunda categoria se refere às “regras fonológicas categóricas”, que seriam os fenômenos sempre presentes na fala e independem do contexto em que se encontra o falante para se manifestar. A terceira “se constitui da influência de regras fonológicas variáveis graduais, portanto diz respeito a ocorrências que dependem de determinados fatores, pelo fato de serem variáveis, não são estigmatizadas, portanto, graduais” e na ISSN: 2359-1069. Revista Iniciação & Formação Docente (online) 2019; 6 (1): 75-83

ALMEIDA, P.S.

quarta categoria estão os “fenômenos que diferenciam os falantes e os definem, estando “presentes no repertório verbal de alguns estratos e ausentes na linguagem dos demais” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 56-57).

Como observa Bortoni-Ricardo (2005), esses três últimos itens dizem respeito aos hábitos que se transpõem da fala para a escrita. O que é comum, principalmente quando o aluno não tem familiaridade com a modalidade escrita, desse fato vêm as *incorreções* de Baronas (2009) ou *erros* de Bortoni-Ricardo (2005). Os estudos de Bortoni-Ricardo (2005) auxiliam o professor no sentido de fazê-lo entender os *erros* de seus alunos, dando-lhes a devida razão fonológica, de forma que norteie a prática do docente, facilitando a produção de atividades e material para atuar diretamente nas dificuldades dos discentes.

4-ANÁLISE DE TEXTOS

Após a realização de um projeto denominado “Mulheres Incríveis”, em que foram abordadas a história de três mulheres que foram importantes para a história mundial e que contava com uma entrevista com mulheres que vivem no entorno do aluno, foi solicitado que os discentes escrevessem uma carta, imaginando que enviariam, a Malala Yousafzai, Anne Frank ou a Ruby Bridges e contasse como era a vida das mulheres de sua comunidade na atualidade.

Os textos produzidos têm pertinência discursiva, pois envolvem um interlocutor, uma sequência didática, que possibilitaria que o aluno tivesse *o que* dizer e, apesar de envolver uma situação de redação escolar, ele tinha *para quem dizer*, ainda que abstrato, mas necessários para a produção textual, segundo Geraldini (2013).

A partir da produção de textos e discursos, fez-se a análise e *diagnose de erros* que permitirão visualizar o *continuum rural-urbano* defendido por Bortoni-Ricardo (2005), ou seja, a não delimitação da variação presente no vernáculo rural ou urbano, além da interferência da oralidade na língua escrita. Para tanto, conforme supracitada a importância, foi feito um reconhecimento do perfil sociolinguístico dos alunos de modo a verificar se esses *erros* são de fato provenientes da transposição de hábitos da fala para a escrita. A *diagnose de erros* demonstra como tal fenômeno linguístico ocorre.

ALMEIDA, P.S.

Os alunos produziram os textos de espontânea, tiveram tempo hábil para realizar a produção, de forma que alguns entregaram a redação antes do tempo determinado para tal. Nesta primeira parte da análise, será feita uma análise quanto ao domínio do sistema de convenções da escrita, pertencente à primeira categoria da diagnose de erros. Também será possível observar a presença de fatores da oralidade, mas de forma mínima.

Analisa-se para tal constatação este excerto:

Exemplo 1:

A **istoria** da Malala foi **quais inguau** a **istoria** da **ninha familia** porque alguns da **ninha familia** também não **podia** estudar porque era muito **difisio** para ela porque o pai e a mãe não **tinha comdisão** para **da** os material para eles **puriso** eles não tinha os **direito** para **termina** o estudo e **tanbem asveses** não tinha dinheiro para compra as **coisa** para **come** era muito **dificio** eles **te** alguma coisa para **come** e também era muito **dificio** eles **comsegui trabalha e também** era **dificio** eles **compra roupa** para eles e **sipasou** um **pantempo queles deu gueitinho ieles comseguiu ruma um imprego** e ali eles **comprou roupa calçado** e muitas **coisa** comprou roupa para seu pai e para sua mãe e **a gudou** sua **familhia** e **tanbem** mais **coisa** que ela pode **a gudar** e todos ficaram **feliz** e **tanbem** os **otros a gudar tanbem** e ai eles **fez** um **almoso** e com coca cola e **de pois** um lindo bolo de chocolate e ai eles ficaram muito **fez** e **sadifeito** com o **almoso** e o bolo.

Sob o ponto de vista das convenções ortográficas, tem-se:

1-Istoria: Falta de domínio ortográfico, ligada às formas arbitrárias da língua. Observa-se a interferência sonora da palavra para a aluna, pois o h é mudo, assim como nas palavras hora, hospital, honra;

2-Ninha: Troca do fonema bilabial sonoro pela consoante nasal sonora /m/ em /n/;

3- Tambem: A falta de acentuação mostra desconhecimento da forma padronizada;

4-Comdisão/inprego/comsequi/tanbem: não domina as regras de escrita, que preveem m antes de p e b;

ALMEIDA, P.S.

5- Ainda em comsequi,a aluna troca a consoante oclusiva vozeada /g/ pela oclusiva desvozeada /k/, aparece claramente a falta domínio das oclusivas pela aluna;

6- pamtenpo: além de não dominar as regras de escrita, a aluna troca a consoante oclusiva vozeada [b] pela oclusiva desvozeada [p], além de não separar os vocábulos;

7-Gueitinho: falta de memorização da forma aceita pela regra vigente;

8-Calsado/almoso: ele não usou a cedilha para fazer o fonema /ç/, fricativo, acaba usando o /s/, para representar esse som (ce-ci), no caso de almoso, atingindo o som de /z/;

9-a gudou/ a gudar/ a gudar: O desconhecimento da forma convencionada da palavra se mostra na troca da consoante fricativa vozeada / ʒ/ pela oclusiva vozeada /g/;

10-Fez: Falta de domínio quanto à forma convencionada da palavra feliz;

Nesta segunda parte da análise, ficarão evidentes a “transposição de hábitos da fala para a escrita” constantes nas categorias de erros 2,3,4, de Bortoni-Ricardo (2005, p, 55), aqui entre parênteses.

1-Quais: houve a transposição integral da palavra quase da forma que a aluna fala, encaixando-se no item 4, pois essa forma tem forte avaliação negativa;

2-Inguau: variedade com forte avaliação negativa (4);

3-Familhia: Palatalização das laterais (3), uso ligado aos traços fonológicos graduais;

4-Podia: supressão do sufixo na formação do plural na terceira pessoa, encaixa-se nas regras graduais (3);

5-Esstudar/difisio: traços de hipercorreção e dificuldade de distinção do fonema para o morfema (2);

6-Os direito/as coisa/muitas coisa/mais coisa/os material/eles não tinha/ eles deu/ eles comprou/ eles fez/felis: supressão da letra s para formar a forma plural em algumas palavras e falta de concordância verbal e nominal; é ligado aos traços fonológicos graduais, pois esta forma está inclusa no vocabulário de diversos grupos sociais e não tem tanta avaliação negativa (3);

ALMEIDA, P.S.

7- Comdição: além de apresentar os erros da categoria 1, apresenta a simplificação da concordância verbo-nominal, erro ligado aos erros presentes na terceira categoria;

8- Da/termina/come/te/compra/comsequi: Queda do /r/ no modo verbal infinitivo (3)

9-puriso: Ligação da consoante final de uma palavra com a vogal inicial da outra (2);

10- Asveses: dificuldade de distinção do vocábulo fonológico e mórfico, além da busca pela gramática internalizada (s entre vogais, tem som de z) (2)

11- Comsequi: Além dos erros já apontados, aparece aqui também a neutralização de /e/ (2);

12-sipasou/pamtenpo/queles/ieles: ligação dos vocábulos (2);

13-ruma: apagamento de vogal (4) e queda do /r/ nos verbos infinitivos (3);

14-a gudou/ a gudar/ a gudar: separação na palavra (2), além da falta de concordância verbal na última ocorrência (3)

15-otros: monotongação de ditongo crescente (3)

16- de pois: crase na vogal palavra (2)

17-sadifeito: a semelhança do vocábulo fonológico ao mórfico, não diferenciação da consoante oclusiva vozeada /t/ com a desvozeada /d/. (2), apagamento do /s/ (4).

Exemplo 2:

[...] Ela **mundou** no **buzão** e os **ladrão parou** ela e minha vó morava na roça eles **parou** o ônibus e **falou** para ela descer ela desceu eles **revistou** ela e **foi** embora[...]

Neste trecho, nota-se a presença exclusiva de *erros* motivados pela variação linguística do aluno.

1-muntou: variedade com forte avaliação negativa (4);

2-buzão: transposição de gírias para a escrita (4);

ALMEIDA, P.S.

3-ladrão/parou/revistou/falou/foi: falta de concordância verbal e nominal, portanto os erros se encaixam na categoria 3, pois dizem respeito à ocorrência de traços fonológicos graduais, uma vez que esta forma está inclusa no vocabulário de diversos grupos sociais.

Nos dois fragmentos analisados ficam claras as características do *continuum* explicitado por Bortoni-Ricardo (2005), em que as fronteiras entre o *falar urbano* e *falar rural* não são demarcadas na língua, ao contrário, essas variações linguísticas coocorrem na sociedade.

Como visto, segundo Bortoni-Ricardo (2005), além dos erros decorrentes da natureza arbitrária da ortografia, tem-se três categorias de erros ligados à transposição de hábitos da fala para a escrita. Dessa três categorias de erros apenas uma é categórica (2), ou seja, aparecem sempre na língua, independentemente do contexto dos falantes, por exemplo:

peixe ➡ ['peji]

Essa neutralização das vogais /e/ e /i/ em posição pós-tônica ou pretônica ocorre independentemente de contextos e fatores intra ou extralinguísticos e a transposição dessa variação para a escrita é sistematizável e previsível. No exemplo 1, pode-se encontrar:

Consegue ➡ comsequi

Nesse caso, além de trocar a consoante oclusiva vozeada /g/ pela oclusiva desvozeada /k/, a aluna neutraliza o /e/ pós-tônico. Já as categorias variáveis podem ser graduais ou descontínuas. Nas graduais estão os traços fonológicos presentes em determinados grupos sociais (3) e nas descontínuas (4), estão os traços ligados à estigmatização por estarem longe da forma convencional da língua, por exemplo:

Comer ➡ Come.

Aqui há a queda do /r/ final no verbo, sua ocorrência é variável, pois sua ocorrência é gradual. No caso em que “igual” é escrito como *ingau*, vê-se um traço descontínuo, ligado à forte avaliação negativa, por estar presente em determinados grupos sociais e ausente em outros. Vê-se no primeiro exemplo algumas ocorrências de erros ligados ao

ALMEIDA, P.S.

sistema linguístico, mas a maior parte, conforme enumerado, tem origem em processos fonológicos, ou seja, alterações na percepção e manifestação do som de algum fonema.

No segundo exemplo, interessa observar a ocorrência de erros exclusivamente ligados à interferência da fala na escrita. Tem-se:

Montar → muntar

Cabe observar que esse verbo foi usado no sentido de entrar, subir (no ônibus), mas o aluno escolheu o verbo “montar”, que faz parte de um vocabulário ruralizado e remete a montar em algum animal, cavalo, boi etc. Por isso e pela forte avaliação negativa do termo, o erro foi encaixado na categoria 4.

A partir de constatações como estas, o professor pode elaborar atividades de intervenção no tocante a essas manifestações, salientando que tais variações na língua são absolutamente normais, pois que ela é um elemento vivo. Seguindo o esquema da diagnose, vê-se a importância que tem o conhecimento do professor sobre o ambiente em que os fenômenos linguísticos ocorrem, para que seja observado se realmente os erros que ocorrem nas produções textuais espontâneas têm ou não origem fonológica, de quais intervenções os alunos necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

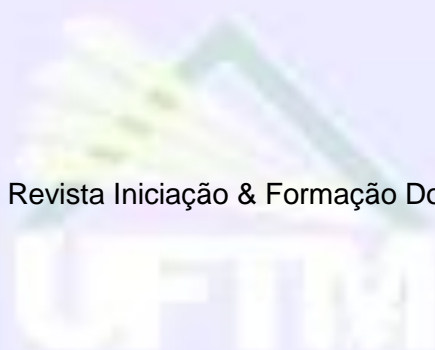
Pretendeu-se neste trabalho proporcionar, de forma muito sintética, mas objetiva e estruturante, a observação da interferência da oralidade na escrita na análise dos textos dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma área distrital, muito próxima da zona rural, o que explicita o *continuum rural-urbano*.

Para satisfazer este objetivo, optou-se por uma descrição que analisasse os erros presentes nos textos dos alunos, encaixando-os na *diagnose de erros de Bortoni-Ricardo* (2005). A relevância deste relato consiste em, mais do que quantificar e destacar as incorreções, ela auxilia as correções do professor, uma vez que, através delas, pode atuar diretamente nas dificuldades ortográficas do aluno e desenvolver a competência linguística que o discente traz de seu ambiente e, com naturalidade reproduz, de acordo com suas necessidades.

ALMEIDA, P.S.

Desta forma não é desconsiderada assim, a variação trazida pelo aluno para a escola, pois, como se sabe, a sala de aula é permeada por eventos ligados à oralidade e o professor, como mediador do processo de aquisição da língua escrita, deve saber fazer as interferências pedagógicas caso a caso, tornando o aprendizado útil e significativo aos alunos. O diagnóstico da natureza dos erros dos alunos constituirá um auxiliar útil, de referência para que o professor pretenda construir e reconstruir sua prática docente, de forma reflexiva e preocupada com a realidade do aluno.

O professor de Língua portuguesa, ao considerar e se basear nas *descrições sociolinguísticas das variedades da língua* (BORTONI-RICARDO, 2005, p,59), acaba por incluir o aluno no processo de aprendizagem de uma língua que faça sentido para ele, de forma que esta não seja usada apenas na escola, mas durante a vida toda.



ALMEIDA, P.S.

REFERÊNCIAS:

BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. **Marcas de oralidade no texto escrito**. Signum, Londrina, v. 12, n. 1, p.15-32, jul. 2009.

BARONAS, Joyce Elaine de Almeida; DUARTE, Patrícia Cristina de Oliveira. **Interferências da Oralidade na Produção Escrita de Acadêmicos de Letras**. Signum, Londrina, v. 2, n. 17, p.144-165, dez. 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. 264 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **A sociolinguística na escola**. 2014. Disponível em <http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/StellaRicardo.htm>. Acesso em 26 jun. 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Ortografia**. Educar, Curitiba, n. 20, p.1-16, ago. 2002.

_____. **O príncipe que virou sapo**: Considerações a respeito da dificuldade de aprendizagem das crianças na alfabetização. 1985. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1401>>. Acesso em: 21 maio 2019.

_____. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2000.

FERREIRO, Emilia. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cad. Pesq., São Paulo, v. 52, n. 1, p.7-17, fev. 1985.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Como citar este artigo (ABNT)

ALMEIDA, P.S. CONSTATAÇÕES DA INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL ATRAVÉS DA ANÁLISE E DIAGNOSE DE ERROS. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ALMEIDA, P.S. (2019). CONSTATAÇÕES DA INTERFERÊNCIA DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO TEXTUAL ATRAVÉS DA ANÁLISE E DIAGNOSE DE ERROS. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.